A luta de classes e o sindicalismo brasileiro perdem um grande aliado

Ao som da *Internacional Socialista* e da canção italiana *Bella cio*, familiares, amigos e admiradores, estes últimos formados por maioria de militantes dos movimentos sindical e social, e jornalistas da imprensa sindical se despediram no domingo, 26 de julho, de Vito Giannotti. O coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) faleceu no dia 24, aos 72 anos, vítima de infarto. Seu corpo foi velado no auditório do Sindicato dos Petroleiros. O momento de tristeza foi suavizado pelos testemunhos emocionados de quem teve o privilégio de conviver com ele e compartilhar suas histórias e ensinamentos.

Vito nasceu em Lucca, na Itália. Era um italiano de nascença, mas brasileiro de alma. Veio para o Brasil depois do golpe militar de 1964 aos 21 anos. Foi operário metalúrgico em São Paulo e militante da histórica Oposição Sindical Metalúrgica. Foi preso político e um dos fundadores da CUT. Depois de 30 anos, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde consolidou a união com a companheira de toda sua vida, a jornalista Cláudia Santiago, com quem criou o NPC no início dos anos 1990, com o objetivo de melhorar a comunicação dos trabalhadores para armá-los na disputa do projeto de uma nova sociedade.

Ele dedicou sua vida a trabalhar pela comunicação dos trabalhadores e contra a mídia burguesa. A sua guerra contra a hegemonia da grande mídia ele espalhava pelos quatro cantos do país através de palestras, cursos, vídeos, agendas, cartilhas, livros. Seu livro *História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil* foi resultado de 10 anos de pesquisa. Obstinado, consultou mais de 500 autores, além de jornais e revistas. Meticuloso, colocou sua obra para ser revisada por doutores em história, pesquisadores e jornalistas. O livro foi lançado no dia 27 de março de 2007 no Sindicato dos Metroviários do Rio de Janeiro. Como escritor, deixou mais de 20 publicações que retratam o cotidiano das lutas da classe operária, desde o seu início.

No Sintufrj, Vito transitou pelo menos durante 10 anos, atuando na formação política da categoria, ao lado das diversas gestões sindicais. Em dezembro de 2001, quando a entidade celebrou as 500 edições do Jornal do Sintufrj, Vito e Cláudia Santiago escreveram um artigo intitulado "Jornal do Sintufrj é um exemplo de disputa de hegemonia". Nessa altura, nosso jornal era um pouco do muito que eles ensinaram. E Vito já havia publicado diversos livros sobre a CUT, o movimento sindical e a comunicação sindical.

Em maio de 2007, em debate que marcou a mudança gráfica e editorial do Jornal do Sintufrj, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), Vito Giannotti enfatizou a necessidade do jornal não ser apenas um instrumento voltado para o "umbigo da categoria", mas que ampliasse a sua pauta sobre o cotidiano da vida dos trabalhadores. "Sem isso, não há como disputar nada, promover mudanças e muito menos conquistas salariais", afirmou.

Vito Giannotti fazia referência sobre *Muralhas da Linguagem*, título de mais um livro que estava lançando. As muralhas eram expressões concernentes à linguagem acadêmica e específica de categorias profissionais. "Se não tivermos uma linguagem adequada, não conseguiremos comunicar nossa política, e nem nossas ideias", ensinava.

A experiência de falar para milhões foi socializada nos livros *Comunicação Sindical - A Arte de Falar para Milhões*, escrito em parceria com Cláudia Santiago, e *Dicionário de Politiquês*, feito em parceria com o sociólogo Sérgio Domingues, especialista em comunicação popular. Vito sempre orientava: "Temos que convencer vários milhões de que é necessário mudar os rumos, participar, se mobilizar e tomar o poder das mãos dos nossos inimigos de classe. E como se convence? Comunicando. Em que língua? Na que todos entendem".

Os cursos, as cartilhas e as agendas elaboradas e produzidas por Vito e Cláudia, através do NPC, foram exemplos desta comunicação que o italiano brasileiro quis imprimir nas mentes e corações dos seus discípulos. Na abertura do 10º Curso de Comunicação, dia 1º de dezembro de 2004 – o NPC completaria 10 anos no dia 2 –, Vito comandou uma aula especial sobre a América Latina.

Uma sucessão de imagens (acompanhadas de leituras de textos) mostrou os golpes militares no Chile e no Brasil, a resistência de Cuba e a luta do MST. A insurgência no México, Bolívia, Venezuela e Argentina. Uma história de luta, dor, sangue e mortes.

"Vocês vêm ao NPC só para assistir ao curso. Hoje preparamos uma armadilha: nós queremos tocar seus corações. Nós não teremos o prazer, mas a tristeza de revelar uma visão da realidade. Nada é imaginação", disse Vito ao iniciar, com os colaboradores, a leitura de textos de Garcia Lorca, Eduardo Galeano, Pablo Neruda, Allende, Ferreira Gullar, MST, Exército Zapatista de Libertação Nacional e José Saramago.

Para completar, ainda foi lida parte da peça *Companheiros*, escrita em 2001. "Nós avisamos antes: nada aqui foi imaginação. Depois de verem o que não queriam ver e de ouvirem o que não queriam ouvir, muitos dirão: isso não é aula. Nós dizemos: isso é mundo. É preciso fazer um mundo novo. Um mundo onde caibam muitos mundos. Um mundo onde caibam todos os mundos", finalizou Vito.

Essa era a essência de Vito Giannotti. Um lutador, um idealista, um amigo, um companheiro, um apaixonado, um socialista, um comunista, um revolucionário.

Foto: Arquivo Sintufrj
Efeito: Edilson Soares